

COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

Há cinquenta anos o início da comunidade de Rímini.

Esta noite no Palacongressi, encontro com padre Julián Carrón

Aquele fascínio que nos guia através da história

Comunhão e Libertação volta às origens mas não foge do mundo. A afirmação é do padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de CL, que esta noite, às 21 horas, no Palacongressi de Rímini, será o protagonista de um encontro cujo tema é “Arrebatados por Cristo, desafiados pela história”.

O que representa, para CL, a história cinquentenária da comunidade de Rímini?

Um exemplo, significativo para todo o Movimento, de como uma comunidade cristã nasce e pode se desenvolver. Em Rímini aconteceu a dinâmica sempre descrita por Dom Giussani. A amizade do padre Giancarlo Ugolini com alguns jovens que tinham conhecido o Movimento em Milão e que em Rímini se encontravam na praia. A disposição do padre Giancarlo para seguir o que lhe causava tanta admiração naqueles jovens. O fruto desse início nós o vemos diante dos olhos: o florescimento de tantas pessoas, de tantas obras e de tantas iniciativas, a mais espetacular das quais é certamente o Meeting. Tudo depende de como cada um de nós acolhe a semente que encontra diante de si: tocado por uma diversidade humana que não pode deixar de reconhecer como correspondente ao que deseja para a vida. Em Rímini temos um exemplo da potência dessa semente e do desenvolvimento que se verifica quando há pessoas que a acolhem com toda a sua humanidade.

Dizer Rímini significa também dizer Meeting. Como é que essa obra foi mudando no decorrer dos anos e como será o seu futuro?

Acredito que o Meeting é a confirmação daquilo que a fé acolhida em toda a sua profundidade pode gerar no cristianismo. Desse florescimento nasce a capacidade de nos expressarmos e nos posicionarmos frente ao real. O que vi nestes anos no Meeting é o amadurecimento da consciência com que é realizado. E o resultado está aos olhos de todos: uma proposta cada vez mais influente, capaz de encontrar pessoas diferentes e de colocá-las frente a frente. Uma estrada que deverá continuar também no futuro.

O que significa para o Movimento, hoje, reaprender a viver a vida como vocação?

Aceitar o desafio das circunstâncias, através das quais o Mistério nos leva ao destino. Nesta fase da história o que de certeza não faltam são desafios. Doenças, desemprego, relações difíceis nas famílias. Até no nível social e político. Viver a vida como vocação é responder a esses desafios como possibilidade de um

amadurecimento que nos torne cada vez mais capazes de dar a nossa contribuição. Nessa situação confusa precisamos de pessoas dispostas a testemunhar aos outros que mesmo dentro da crise pode-se viver, crescer e amadurecer, podem-se gerar respostas às necessidades de todos para tornar a vida mais humana.

O senhor participou do Sínodo sobre a nova evangelização: que contribuição pode apresentar o Movimento perante esse desafio?

Simplesmente o nosso testemunho. O problema não é a crise, não é a descristianização, nem mesmo a indiferença em relação à fé, mas se nós, como cristãos, vivemos algo tão fascinante que pode ser mostrado a todos. É isso que torna possível que o cristianismo aconteça de novo: não como discurso ou como ética, mas como um evento que fascina aquele que o encontra. É isso que as pessoas esperam. O desafio é mostrar que é possível, hoje, comunicar o cristianismo de um modo fascinante, tal como nós o experimentamos no início da nossa história.

O retorno às origens do Movimento, evocado com determinação num momento de grande confusão social, significa uma mudança no compromisso civil dos membros de CL?

De maneira nenhuma. Nós queremos constantemente retornar ao início daquilo que nos fascinou para podermos estar mais presentes na vida social, cultural e política, em todos os níveis. Estar presentes, portanto, mas com o método das origens: a presença de Cristo percebida como tão fascinante que nos liberta de qualquer pretensão hegemônica. Temos de testemunhar diante de todos a contribuição que a experiência cristã pode dar neste momento de confusão. Os analistas são lúcidos ao evidenciar aquilo que falta, mas mais carentes ao propor soluções. Nós, ao invés, temos a experiência que em tantas ocasiões – no nível pessoal e social – nos levou a entender que podemos recomeçar mesmo nesta situação. O ponto crucial é se estamos verdadeiramente dispostos a seguir o que aconteceu conosco, a fim de que não haja uma redução do fascínio a coisas para fazer. Uma opção desse tipo provocaria a morte inclusive do compromisso social.

Stefano Andrini